

A épica do corazón

Discurso lido o día 27 de setembro
de 2014 no acto da súa recepción,
pola excelentísima señora dona

Nélida Piñon

e resposta do excelentísimo señor don

Ramón Villares



REAL ACADEMIA GALEGA



A éþica do coração

O solemne acto académico
en que foron lidos os dous
discursos recolleitos no
presente volume celebrouse
o 27 de setembro de 2014
no Salón de Actos da
Real Academia Galega

Edita
Real Academia Galega

ISBN: 978-84-87987-93-9
Depósito Legal: C 1518-2014

© Nélida Piñon, 2014

© Real Academia Galega, 2014

Coordinación da edición e produción
Tórculo Comunicación Gráfica, S. A.

Deseño da colección
Grupo Revisión Deseño

Impresión
Tórculo Comunicación Gráfica, S. A.

A éþica do corazón



REAL ACADEMIA GALEGA

A Coruña 2014



Discurso da excelentísima señora dona
Nélida Piñon



Sigo a trilha pavimentada pela arte e combato o esquecimento ao acender o botão da memória. Ungida pelo mistério humano, fertilizo a imaginação e o expediente narrativo. Com tais bens, circulo pelos universos urbanos e rurais, pelas arquiteturas imaginárias, que são partículas verbais a serviço da criação literária. Julgo o verbo apto para definir o mundo.

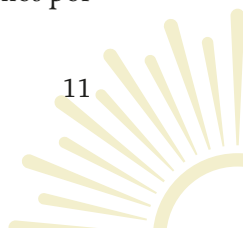
Como escritora, dou vida aos resíduos que levo dentro e me empenho em reforçar a escritura, que é a representação da minha existência. Sob o amparo da arte de fabular, dou credibilidade ao legado dos anos e da experiência, na tentativa de redimensionar a história dos ancestrais e dos contemporâneos.

Cedo, filiei-me às memórias que estão à margem do mundo. Algumas, soterradas, emergem de repente, sangrentas e amorosas, e ganham alento. Carregam, por si só, o mistério que às vezes é um fardo, conquanto estas memórias dos homens reflitam, em conjunto, a civilização construída em meio ao desconsolo e à esperança. São todas restos mortais que vale salvar.

Entendo a história como um patrimônio universal. Ela narra quem somos. Para tal mister, lança mão da intriga com a qual despertar a atenção. Tal artimanha, à parte qualquer consideração moral, é um sustentáculo para o convívio humano, que dela depende para seguir interessado nos vivos e nos mortos. A fábula, contudo, que só narra pela metade, é a ópera inconclusa que contém nosso drama.

Assim, duvido como alcançar a plenitude narrativa se formamos um mosaico assimétrico que, visto de perto, deforma nosso semblante? E como confiar na eficácia de qualquer relato, se os rastros que deixamos tombar no chão sob forma de farelo, e que serviriam de base para uma história, são prontamente tragados pelos pássaros de São Francisco?

O assombro me toma com frequência. As frases que procedem de tal estado, parecem cascalhos que desenterro como se trouxesse à superfície restos da cidade de Tróia. Aposto, então, no universo que o tempo cobriu e do qual nos afastamos por



imaginar que já não mais existe. Daí celebrar apaixonada as culturas que a modernidade asfixiou, mas das quais também me origino. São elas que me levam a perambular pelo mundo tendo verbo e imaginação como atributo.

Na condição de meteca, eu chegava à hipotética Atenas do século V a tempo de ouvir o discurso fúnebre pronunciado por Péricles. Caminhava pela via Ápia, pelos cardos de Jerusalem, subjugada pelas paisagens. Na praça do Obradoiro, diante da catedral de Santiago de Compostela, cuja construção desafiou o engenho humano e emulou a imaginação, as preces dos amontoados peregrinos reverberavam. Já com os pecados perdoados, após haverem beijado o Santo, eles simulavam serenidade, entregues aos sonhos que lhes enfeitavam as cabeças como auréolas.

Familiarizei-me, menina, com as histórias dos notáveis mentirosos, cujas aventuras ainda hoje tento recitar. Desde Tia Benta, de Monteiro Lobato, até os Três Mosqueteiros que são quatro. Personagens que, conquanto procedentes da imaginação, requerem ordenação narrativa. Mas convém saber que tudo que se conta, surge do que já existe. Dos tópicos gregos, hebraicos, das tendas árabes, dos povos que inventaram deuses para fazerem milagres. Da matéria originária dos formuladores da invenção, que são os escritores. Seres a que sempre faltou simetria e sobrava fabulação. E que, com tal perspicácia, convertiam o Atlântico em simples córrego de água que, na infância galega, eu desviava das veigas alheias para beneficiar as terras da avó Isolina. A ação infantil inspirada talvez em alguma narrativa vinda em minha defesa, para incentivar a imaginação ainda em formação.

Estava eu, pois, a salvo da política humana que induz as novas gerações ao esquecimento, a prescindir dos signos da memória e da bagagem que os milênios acumularam. A borrar objetos e traços surgidos das escavações arqueológicas e psíquicas. A adulterar, mediante o novo, a civilização herdada. Uma espécie de varredura do passado que exprime uma ânsia de inaugurar uma cultura sem vínculos com as precedentes. Como que decidida a contrariar o acúmulo produzido pela civilização, que implica na responsabilidade de cada qual filtrar os feitos do mundo. Diante deste holocausto, como mitigar os efeitos da avassaladora marcha iconoclasta?

As histórias elaboradas em torno da mesa dos avós Daniel e Amada, em Vila Isabel, asseguravam-me a posse de uma terra longínqua como Galícia. Uma afirmação que eu acatava por haver dado início a uma aventura interior que desembocaria na narrativa. Diante da qual eu capitulava, seguindo a exigência dos meus desígnios.

A casa familiar cultivava o cotidiano com um realismo que, em suas diretrizes, nos ensinava a viver. A dosar excessos, a ser estoica, a entender a temporalidade da perda. Enquanto sugeria não confundir os sintomas da rua com as quimeras da casa. Ainda que os equívocos pudessem ser peculiaridades da arte.

Aprendi a escrever às cegas. Aspirava combinar a paixão da escritura com os domínios da razão. E conquanto responsável pela minha estética, pelo que aflorava de mim, cabe-me eleger o que será meu testemunho. Uma liberdade que gera solidão e soberania. Afiançada pelo fato de eu ignorar quem folheia as páginas que levam minha assinatura. Ou que classe de leitor repudia minhas convicções narrativas.

Meu ofício não comporta indiferença. Guarda em sua essência as sementes do bem e do mal. E, à parte de qualquer apego formal, compromete-se com a fala poética que pauta a tradição e a modernidade.

A postura proteica, que sempre me orientou, libera-me a assumir mil formas. Ser homem, mulher e bicho ao mesmo tempo, para exercer a plenitude da escritura. Há que lutar pela alteridade e suspirar pelo ambíguo ao longo da vasta trajetória narrativa.

Menina ainda, pus-me sob a égide das lendas e dos mitos. Transcendentes, esses seres inventados com o propósito de dar ordem ao caos vigente, alastraram-se pela cultura que me rege. Eram de natureza ávida, tinham apetite de almas como eu. Alguns, originários de Micenas, serviram de modelo para a máscara emudecida de Agamenon. Outros, porém, sentados à mesa comigo, tinham-me como cúmplice.

Era comum que certos mitos me seguissem nas idas ao Pé da Muá. Apreciava-lhes ver como eu vigiava as vacas, os lobos, o vento norte, enquanto minha imaginação, à deriva, levava-me a antever que modalidade de escritura eu teria no futuro. Havia indícios em torno de que a vida se perpetuava através da arte.

Os meus dias, no entanto, impunham-me trato cauteloso com o desconhecido. A mãe e o colégio alemão pregavam que convinha seguir as normas que pautavam uma formação propícia à ordem. No entanto, no que se referia aos perigos advindos das manifestações culturais que me atraíam, e que podiam ser insidiosas, os pais esquivavam-se de me advertir. Confiavam nos meus critérios.

Por certo eu amava os dispositivos que pregavam a liberdade, as leituras sem controle, as experiências inéditas da carne. Estas licenças obtidas pelo fato talvez dos

pais cobrarem que a filha lesse, que fizesse florescer a inteligência mesmo em meio aos folguedos. Afim de padecer, quem sabe, dos torvelinhos que moldariam minha nacionalidade e me imprimiriam uma dimensão universal.

Eles interpretavam o Brasil através da filha, que os levava pelas mãos, esforçando-se em lhes traduzir os emblemas pátrios. O Brasil que preservara a língua, a inteireza territorial e a mistura dos povos. Um país que respondia por uma mestiçagem faustosa, graças à qual a filha de galegos situava-se confortável em qualquer parte do planeta.

Sob o signo da miscigenação e do seu arrebatos carnal, cabia-me ser uma narradora mestiça. Isto é, arcar com as histórias tecidas por todos os seres e fazê-las minhas. Para que a mistura étnica suscitasse em mim uma exaltação libertadora capaz de me licenciar a ir além de mim mesma. A verdade da arte e a mestiçagem nossa impunham-me radiografar a psiquê dos povos arcaicos e modernos. A explorar os veios auríferos de uma arqueologia poética que guardava a prova final que sustenta a invenção da arte. Um amálgama que leva hoje minha rubrica pessoal.

Penso em Galícia e faço-lhe a exegese. Tenho presente na parede da casa da Lagoa onde moro, a foto da família paterna tirada em Pontevedra pelo fotógrafo Pintos, um pouco antes do pai, Lino, embarcar para o Brasil. Ali se destaca o pai com pedaço de pão escondido no bolso, que esqueceu de retirar antes de posarem. Um clã determinado a me fazer narrar segundo o transbordamento onírico que me impulsionava. E que, com a força de um germe que redime e destrói uma família, fomentava idiosincrasias a que eu acrescentava as minhas. Era a família, contudo, que pesava na apuração da minha gênese. Confirmava a matéria de que sou feita. Para esclarecer a razão de ter eu uma imaginação andarilha, transgressora, amante das imprecisões do mistério e dos andrajos herdados dos milênios.

Sou grata, pois, à família que elegeu a América levada pela visão promissora com a qual esquivaram-se dos malefícios e dos preconceitos por parte da sociedade que desvalorizava a quem não dispunha de linhagem, de recursos educacionais, de uma planilha de feitos. E não soubesse, em defesa própria, elaborar um discurso político capaz de assegurar à elite brasileira que também eles, imigrantes distantes da pátria, integravam a epopéia cujo admirável enredo requeria um narrador disposto a lhes restituir a merecida dignidade histórica. A exigir que a sociedade

espanhola, em seu todo, reformulasse o papel histórico do imigrante e passasse a lhe atribuir o estatuto de exilado, de um cidadão que, expulso de sua terra, forçado politicamente a abandonar seu país por já não caber mais em suas fronteiras, ajudara a salvar a economia espanhola, e a injetara com confiança.

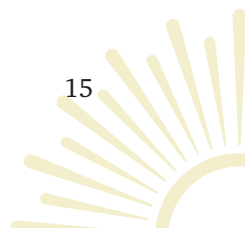
Foi vagaroso o processo de assumir uma narrativa que dizia respeito a Galícia. Só após capitalizar as lembranças na iminência de oxidar com os anos, conseguia armar uma história que, conquanto nem sempre frutífera e feliz, banhara-se nas dores e nas maravilhas provenientes da condição humana.

Não perdia de vista que os avós e o pai, ao atravessarem o Atlântico, para eu nascer no Brasil, foram objeto de uma decisão política cujo conteúdo ignoravam, que expulsava de Espanha este contingente excedente, para aliviar a miséria reinante, e estabelecer uma ponte pênsil entre o Brasil e Espanha, sobre a qual circulariam a esperança e as moedas oriundas do trabalho braçal dos galegos.

Por força de tal decisão, a família regalou-me a majestade da língua portuguesa, a ciência de eu pertencer ao novo continente. E transmitiu-me igualmente a noção de constituir um privilégio originar-me de uma Galícia cuja herança autorizavam-me a reivindicar.

Estes galegos de sangue acrescentaram à minha imaginação o fato histórico de haverem vencido as mesmas correntes elísias palmilhadas no passado pelos navegantes portugueses. De modo a que eu herdasse igual exaltação anímica que os fizera acreditar ser o Brasil o Éden a arrancá-los da penúria em que viviam em suas aldeias. Aqueles milhares de galegos que encetaram uma saga mediante a qual arrostaram incertezas, vaticínios adversos, a morte longe de casa. E ainda a angústia provinda de uma língua com significados alheios ao seu ser.

Algumas vezes imaginei como a horda galega desembarcou no cais da praça Mauá, no início do século XX, arrastando nas costas a trouxa de roupa e de sonho. Ansiosos por ganharem a primeira moeda a ser destinada à família, carente de recursos. Uma conduta inusitada que, no entanto, não convinha estranhar. E isto porque os galegos tinham, por formação, as entranhas acorrentadas à terra, embora não contassem na prática com um código de conduta que os alertasse de como deveriam enfrentar as adversidades brasileiras e defenderem a identidade galega trazida no alforje. Desprevenidos eles de que, conquanto imigrantes, faziam parte da utopia engendrada pelos sonhadores.



Desde o início da minha busca, observei a argúcia e a melancolia nas palavras e nos gestos dos galegos responsáveis pelo meu lar. Se de um lado me enlaçavam com a realidade brasileira mediante referências de além-mar, em contrapartida, reforçavam minha percepção de haver, fora de mim, um mundo no qual participava por direito de herança.

Assim, onde estivesse, analisava as características familiares que não se reproduziam em nenhuma outra casa vizinha. Os dias afirmavam que eu dispunha, além do Brasil, a pátria do pai. Tinha no rosto traços comuns a sua gente. Como consequência, cabendo-me interpretar as marcas que a cultura me imprimia enquanto fazia-me, aos poucos, mulher de duas culturas. Alguém que, ao transitar com desenvoltura pelos gregos, pelos clássicos e pelos antigos, aprendia o quanto me equivocava em relação ao destino da arte. E como os disparates emitidos pela arte também me educavam.

Compreendi haver várias Galícias. Algumas, idealizadas, como a minha. Ajustada ao livro que pretendia um dia escrever. Uma Galícia que, imersa no esquecimento, coberta com sete véus, exigia que a trouxesse intacta da infância. Quando reviveria peripécias vividas com desenfreada alegria, recuperaria os sons com os quais designar, sob forma de litania, os nomes das aldeias do Concello de Cotobade, das cidades de Pontevedra, da Coruña, de Lugo, de Ourense, de Santiago de Compostela. Braços e pernas de Galícia. Frágeis paredes pelas quais a memória escorregava.

Eu era sensível. Mas, com os poros dilatados, absorvia as lições da realidade. Não era fácil oscilar entre as estações humanas. Enquanto algumas questões familiares me intrigavam. Como quando o avô Daniel afirmou ser o galego um multiplicador disposto a se exceder nas tarefas que lhe designassem. E isto por temer que o expulsassem do futuro, para ele de acesso tão difícil. A versão do avô, talvez exagerada, encaminhei para o escaninho da ficção. E que decerto me influenciou ao pincelar Madruga, personagem galego, com certo verniz heroico, similar à lenda que eu lhe atribuía, enquanto insuflava outros com reação melancólica à altura da sua sigilosa substância.

Apraz-me enaltecer os feitos destas aventuras imigratórias. As encendradas ilusões desta gente orgulhosa de ter o Brasil como lar. Meu coração narrador

rendia-se diante deste espírito indômito. Alimentava a noção de dever iluminar as frestas das memórias vividas. Intensificar o que jazia nos interstícios da memória. E rastrear o que se perdera com os predicados da narrativa.

Como podia esquecer que em Cádiz, na véspera de tomar o barco em Sevilha para o Rio de Janeiro, despedindo-nos do Guadalquivir, meu corpo parecia sangrar de tristeza por haver abandonado Galícia após quase dois anos de prostração amorosa. Entoei cantos que mais tarde reservei para os funerais familiares, na expectativa de que as notas musicais emitidas pelos músicos lhes devolveriam a vida. Uma empreitada que atualizo e da qual colho louros.

A partir da casa brasileira, ainda em Vila Isabel, aprendi a espargir sentenças, parágrafos, capítulos conclusivos. A escrever nos cadernos de anotações, escondidos na gaveta do quarto, observações emitidas pelos familiares a propósito de algum personagem de Cotobade, cujo perfil novelesco, na iminência de eu vir a ser escritora, encaixava-se no desmesurado tablado ficcional.

Na morada do avô, que ele construiu para ser o epicentro familiar, reuníamos-nos aos domingos. A abundância do repasto comprovava o sucesso do avô, capaz agora de abastecer a sua grei com as promessas americanas.

Algumas vezes quis saber como haviam chegado ao Brasil. Que trilha tomaram para dar andamento a um sonho que poderia, em qualquer momento, ter-se transformado em uma expedição funesta. Eles eram, porém, comedidos, receavam que a narrativa oral lhes roubasse a pujança da história vivida.

Eu, porém, não me iludia com um passado que se insinuava florido. Doía-me a simplicidade de suas vidas, que deveria eu, no momento oportuno, agigantar a fim de intensificar a emoção do leitor. Destacar uma época que seria mister reconstituir. O fato é que nunca conheci o teor dos seus sentimentos, do quanto lhes custara perder o lar. Tal circunstância obrigando-me moralmente a lhes atribuir uma vida romanesca com o propósito de resgatá-los da obscuridade em que viveram.

Nos domingos em que colhia os suspiros da avô Amada, oriundos de uma alma reclusa, eu desconfiava das suas motivações. Se suspirava ela por cada filho nascido no Brasil, e que lhe roubara o sonho de regressar a Carballedo? Ou pranteava de antemão os mortos galegos que partiram, ou estavam na iminência de se despedir, sem sua presença? Um desespero que a teria levado quem sabe, em certo



momento, a ir a uma capela do cemitério São João Batista para juntar-se ao velório de um desconhecido e pôr-se a rezar como se o morto, acolchado no caixão, fosse membro de sua família, prestes a ser enterrado em Carballedo, agora contando com sua presença. Mas terá de fato ocorrido esta cena patética?

Também recordo o gesto do pai de reter por instantes a carta provinda da mãe Isolina, cujo conteúdo dificilmente seria benfazejo. De como, sem abri-la, antes de guardá-la no bolso da calça, à espera de um dia propício para lê-la, ele cheirava o aroma da terra incrustrado no envelope.

Sofria talvez os efeitos de uma “morriña” que, embora insidiosa, trazia Galícia para perto de si. Eu acompanhava a divisão afetiva do pai, as marcas de um sofrimento que não o impediam de sufragar uma realidade antagônica a sua e enfrentar seus efeitos daninhos.

Estes atos comezinhos, nascidos do mesmo barro do oleiro que dera início a estágios civilizatórios, ensinaram que eu decifrasse aos poucos os hieróglifos do caráter galego. Indícios próximos ao redemoinho dos sentimentos que a família tutelava e atraía para a sala, cenário das refeições .

Afinal, ao terem eles procriado descendentes, e assegurarem a genealogia brasileira, o país lhes marcara a vida à brasa. Impusera-lhes emoções derramadas que deram frutos colhidos pela neta aos domingos.

A experiência me fez supor que o pai, ao prevenir-se contra os sentimentos corrosivos que se encerravam na saudade, criara um sistema de defesa, mediante o qual armazenara ao mesmo tempo evocações galegas deixadas atrás e as demais que ajudara a construir no Brasil. Elaborava assim, graças a sua candura e sua índole apaixonada, narrativas privadas, sustentadas pelo cuidado com que falava. O verbo, em português, e a serviço da sua carência, mencionava Machado de Assis, a quem me apresentou, a cultura do Brasil, o caldo com unto de Borela, o leite materno de Isolina que cedeu os quatro filhos para a América, o encapelado mar da costa da Morte, em Fisterra, a visão abatida das vacas Malhada e Garrida pousadas como estátua no prado de Borela.

A exposição do amor que aflorava no pai conferia aos galegos uma dimensão moral. Atrás de qualquer licença poética que usassem para disfarçar os efeitos do cotidiano, preservava-se a semente de suas almas imortais. E, não sendo assim, como teriam eles suportado abandonar o lar de mãos vazias, sem terem ao menos

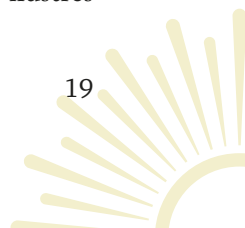
levado consigo as fontes de mistério e energia havidas nas aldeias? Como teriam enfrentado as adversidades sem a garantia de regressar um dia ao lar, ainda que se defrontassem com uma ruína? Como aboliriam do peito os modestos contrafortes da paisagem feita de pedras e de palavras para desaguar a tristeza?

Mais tarde, a caminho de Espanha, ao fazer eu a rota contrária a que os imigrantes fizeram seguindo para o Brasil, entendi a natureza dos sentimento que eles desabrocharam nas despedidas. Uma travessia sem compensação, sem garantias, enquanto eu, tão logo chegada a Galícia, ganhava de imediato parte do coração que me faltava.

Ceguei em Vigo no mês de novembro. Galícia pareceu-me inóspita e fria, a despeito das mulheres que, de traje negro, símbolo de um luto eterno, acenavam-nos alvoroçadas. Eu, filha do sol, que ao descer as escadas do navio inglês ao encontro dos familiares que me abraçavam como se eu fora o pequeno Messias, ressentia-me com os ruídos de uma língua que me soou áspera, sem doçura e lirismo. Um desconforto que me acompanhou até a entrada de Borela, após vencermos a encosta da Corredoura. Quando, ao descer do carro, diante da ponte de corte românico, do século XV, que disfarçava a decrepitude da superfície coberta de musgos, e da capela de Nossa Senhora de Lourdes, localizada um pouco acima, na iminência de ruir sob o peso dos guardiões da fé que depositavam ao pé do altar suas solicitudes ao divino, senti, em um átimo, intenso assombro amoroso. Como se até então, privada de razão, recuperava minha matriz fundacional. Um súbito amor que além de me esclarecer a origem, afirmava quem eu era para estar no mundo. E que me levou a jurar inextinguível amor por Galícia.

Percorria os atalhos das aldeias de Cotobade atenta às sombras projetadas pelas paredes das casas que acomodavam o espírito galego em uma máquina que triturava café, outrora vindo da América. Sempre conjecturei o que havia dentro das moradas de pedra. Supunha existir no seu interior tramas sublimes e sórdidas, guardadas no estábulo em meio ao feno e as vacas. E migalhas de comida que sobram do almoço. Além de papéis envelhecidos e bens de valor impreciso, tudo que constituía seus haveres civilizatórios.

Aquela era uma cultura sem desperdícios que metabolizava mercancias e pertences. Um fato natural para o galego que sempre lutara como lobo para chegar vivo ao alvorecer. A começar por construir casas de pedras cinzeladas pelos ilustres



canteiros de Cotobade que, enfeitizados pela ductibilidade do material trabalhado, fizeram da pedra poesia.

A alguns dos canteiros vi como lapidavam a pedra com o cinzel. E como, na casa do Leblon, após soprar a poeira para longe, acariciavam a superfície para testar a sua lisura. Gestos de amor que também eu aplicava à escritura.

Foi à sombra, aliás, de afetos galegos que tramei histórias e as alojei no enigma que escora a arte. Talvez porque estas terras, de teor arcaico, cobrassem o desabrochar da minha imaginação trazida do Brasil. Como se devesse adicionar à vastidão brasileira, o que estivera sob o resguardo de Cervantes. E por conseguinte bafejar com visão poética cada sentença que o mundo carecia. Salvar o verbo, quando lhe dava vida. Afinal, sua construção sonora, somada ao cotidiano, também ilusório, ambos liberavam-me para conceber cenários narrativos à guisa de bálsamo. A criar a indissolúvel poesia sob o pacto havido entre vida e morte.

Cruzar o Atlântico em direção à Europa sempre foi um exercício de fantasia. Tinha o mérito de acercar-me das raízes, de invalidar conceitos ortodoxos, de desacatar os ditames da razão ilustrada em sentido contrário à magia da intuição e do mistério. Tendia a conspirar contra a impositiva realidade europeia usando argumentos que eu própria em seguida desmanchava. Valendo-me de um esforço intelectual que enquanto ditava rumos novos, me ensejava cometer desatinos narrativos.

Em Santiago de Compostela atraíam-me os peregrinos que tinham o pergaminho da dúvida inscrita no peito como sinal da fé. Diante do Pórtico da Glória, o românico de Mestre Mateus, do meu amado século XII, sentia os efeitos construtivos da visita. Pensei, então, se teria a fé a propriedade de emendar histórias soltas com o intuito de dar-lhes ressonâncias libertárias.

Amava a paisagem galega. Na taberna, as vozes rascantes dos camponeses e marinheiros que bebiam e mastigavam em meio a ruídos, exibiam timbres adequados para a narrativa oral. Seus cantos, estimulados pelo vinho, evocavam, mesmo que eles ignorassem as cantigas de Amigo, o lirismo plangente de Martin Codax. O poeta que, alçado à glória, designou Rosalía de Castro, Emília Pardo Bazán, Valle-Inclán, Otero Pedrayo, Álvaro Cunqueiro, Torrente Ballester, e tantos outros da cosmogonia galega, como herdeiros.

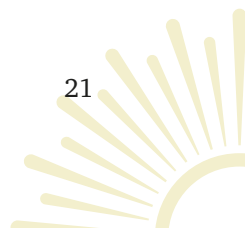
As vielas estreitas com fisionomia medieval que gosto de percorrer, vejo-as vazias. Penso nos goliardos e os convoco até essas plagas. Aqueles poetas desavergonhados que, vindos dos Pirineus, derramavam por onde passavam o ácido de sua periculosidade inventiva e o mel da sua ironia, fazem falta à imaginação contemporânea. Como exímios narradores orais pregaram a descrença e, conquanto fossem iconoclastas, aspiraram à perfeição dos santos.

Mas, por tudo que lhes contei, veem que sou uma narradora devotada a uma arte que se propaga pelo meu ser. Ciente de ser a cultura a memória do mundo. Razão pela qual, avizinhandome de um repertório universal e das alegorias elaboradas por ancestrais galegos, e ainda orientada por uma estética desenvolvida desde a adolescência, publiquei o romance *A República dos Sonhos* no ano de 1984. Fui a única a saber que não fiz uso, na sua construção, de um método literário planejado, e nem considerei como único objetivo imprimir à obra uma dimensão totalizante. Quis uma saga que, ao restaurar a humanidade galega e brasileira, reconhecesse a matriz cujas injunções sagradas e profanas deram fundamento às civilizações que regem o meu saber. Sem alterar na tela de fundo da narrativa a pátina do tempo e o intraduzível mito da criação.

O romance surgiu dos enredos do mundo, dos rincões onde havia história que contar. Da poética que transborda sem freio a cada página. Ele pretendeu ser uma suma imperfeita e uma síntese falsa. Uma narrativa que se expandia sob o temor de ser eu punida com a morte criativa por ousar dar existência à matéria serenamente alojada no coração humano. Por desafiar o que estivera sob o resguardo dos seres.

Para tal empreitada, cerquei-me de personagens que protagonizassem ações aguerridas, a penúria que advém do amor ferido e toda sorte de sentimentos. No transcurso do romance, reavaliei códigos, perspectivas históricas, examinei o rancor e a glória dos homens. Sem estar certa de dar vida à mítica Galícia e os últimos dois séculos do Brasil.

Não me sofreei. Tudo ofertei para o livro existir. Para subsistirem o país de origem e o de nascimento. Para sobressair em suas páginas a épica do coração que transborda sob o amparo da poesia. Sei que com o livro encerrei o ciclo galego. E sei também que o adeus é sempre uma dança macabra.



Senhoras e senhores.

Nesta data passo a pertencer a ilustre Real Academia Galega. É com espírito cívico, provida de memórias e de emoção, que envergo o título de Acadêmica de Honra que decidistes oferecer a esta escritora brasileira de sangue galego. Faltam-me palavras para expressar a honra que esta investidura me confere.

Chego a esta instituição com dupla incumbência. De representar o Brasil e seus radiosos escritores, com o genial Machado de Assis encarnando a grandeza do país. E de falar em nome dos familiares oriundos de Cotobade que, antes de partirem para sempre, ensinaram-me a amar Galícia.

Eleva-me pertencer a esta instituição que, em defesa dos valores civilizatórios, resistiu a qualquer proposta de desagregação cultural imposta pelos tempos atuais. Soube manter intacta aquela tradição que se sabe moderna.

Sou grata aos senhores acadêmicos que sufragaram meu nome. Generosos comigo, consideraram-me digna de ocupar assento entre seus pares. Logo eles que, sujeitos ao primado do espírito, deram à cultura galega, espanhola, mundial, o brilho de seus talentos e o legado de suas obras.

Homenageio, em especial, ao nobre historiador Ramon Villares, membro da Real Academia Galega, que, desde cedo, confiou na minha presença nesta instituição, julgando-me merecedora de tal atributo. Não sei como lhe agradecer a acirrada defesa e o discurso com que ora me acolhe nesta cerimônia. Exceto que ficarei a lhe dever palavras compatíveis com a gratidão que ele me suscita.

Esta distinção acadêmica reparto com familiares e amigos, presentes e ausentes, vinculados a Cotobade, Espanha e Brasil. Eles constituem uma grei imprecável em minha lembrança. Em conjunto, confiaram que meu amor pela literatura tinha razão de ser.

Comovida, já me vejo cruzando a praça do Obradoiro, a caminho de casa, em direção ao Brasil. Levo comigo a simbologia que advém desta Real Academia Galega, que me acolheu como um dos seus.

Grata a todos.

Rio de Janeiro, 1 de setembro de 2014

Resposta do excelentísimo señor don
Ramón Villares Paz



**A viaxe a Itaca de Nélida Piñon.
Do paraíso brasileiro á fonte galega.**

Lector temporeiro de textos de historia e cultura do Brasil contemporáneo, pero menos frecuentador da súa brillante literatura, é para min unha grande honra participar no acto de recepción da escritora Nélida Piñon como Académica de Honra da Real Academia Galega (RAG). Agradézolles, “ex todo corde”, ao presidente da RAG e á nova académica esta oportunidade que me deron para pronunciar unhas palabras de resposta ao discurso que ela nos acaba de ofrecer, no que ecoan máis unha vez as grandes liñas da súa biografía transcontinental e o coidado do seu estilo literario. A memoria como sustancia narrativa, o goberno preciso das palabras como marca da súa escrita, a migración como tema narrativo, a tradición clásica mediterránea como motivo certo de inspiración, o espiritualismo como forma de entender a vida e, naturalmente, a asunción do papel dunha nova Sherezade, que conta historias para garantir a transcendencia dela mesma e de todo canto ela representa, en beneficio duns lonxincuos lectores que Nélida Piñon nomeou, en literario testamento, “sucesores de uma linhagem irrenunciável” (LH, 87).

Alén de todo iso, está a memoria —mesmo visual— da Galicia dos seus devanceiros, que considera unha Itaca á que ela, como unha moderna versión feminina de Ulises, está sempre a retornar. A súa xenerosidade intelectual e afectiva con Galicia é unha constante na súa biografía e fíxose de novo patente nesta ocasión. Hai poucas semanas anunciaba Nélida, cando estaba a escribir o seu discurso, que “o texto tem que ser muito especial por tratar-se de uma distinção que me deixou muito feliz” (*O Globo*, 15/08/2014). E certamente así aconteceu, ofrecéndonos esta intervención que é un regalo de deuses. A súa felicidade é partillada por nós, pois incorpórase a esta institución académica unha escritora brasileira filla da

inmigración galega, cunha xeografía dos afectos gallada entre dous continentes e con identidades construídas coa imaxe do outro: nena “brasileira” en Cotobade, moza “galega” no Leblon carioca, “brasileira recente” cando se incorporou á Academia Brasileira de Letras e, desde hoxe, posuidora aínda máis enteira —e cito palabras súas— “duma dupla cultura que arrasto comigo, brasileira e galega” (CA, 112).

Ela falou da súa felicidade persoal. Pero penso que este é un día moi feliz para a literatura e para a cultura deste pequeno país, sito nunha das fisterras europeas pero de cultura universal que, grazas á afouteza dos seus moradores, é quen de navegar polos mares do mundo e deixar nas terras firmes alcanzadas a pegada da súa cultura, da súa memoria e do seu traballo. A figura e a obra da Nélide Piñon son a mellor confirmación desta ansia dos nosos devanceiros por saberen de novos mundos e da súa innata habelencia para se adaptaren ás circunstancias en que lles tocase vivir, sen nunca deixaren de manter un “background” de galecidade como orza do seu navío. E se emprego a palabra “galecidade” é para evocar o ingreso nesta institución, hai preto de corenta anos, de Valentín Paz-Andrade, quen leu un discurso dedicado a examinar as pegadas galegas na obra do escritor “mineiro” João Guimarães Rosa, un dos máis grandes escritores da literatura brasileira contemporánea. Respondeulle naquela ocasión, porque xa non podía facelo Otero Pedrayo, o excelente coñecedor de tesouros e de illas fantásticas, das viaxes de Simbad e das aventuras de Merlín, fabulador de seu e atento escoitador de relatos orais de menciñeiros e feirantes, que era Álvaro Cunqueiro. Temas, nomes e prácticas que tamén adornan a nova Académica de Honra, que escoita máis do que fala, que se inspira en moitas figuras da literatura clásica e oriental pero que, como nos acaba de recordar, *more* Cunqueiro, “todo que se conta surge do que já existe”.

Entendo esta obriga académica como oportunidade para falar dunha escritora que se expresa en lingua galego-portuguesa na súa versión brasileira, dun país atraente e algo intimidante como é o Brasil, da biografía dunha intelectual respectada nos foros literarios e culturais brasileiros e internacionais e, en fin, dunha narradora “mestiça” que se reconece en dúas patrias, a máis idealizada das orixes familiares e a máis real da terra de acollida na América. Todas estas contornas converxen na persoa e na obra da nova académica, que é quen de gobernar ese ingrávulo ser que son as lembranzas da estirpe familiar. Ela leva decote canda si, como no baúl

do emigrante, memorias, mitos e fantasías colectivas que, mediante o poder performativo das palabras ancoradas na escrita, transmiten emocións e soños de persoas, de tribos e de nacións. Se a madeira con que está feita a humanidade, segundo sabía observación do máis ilustre filósofo de Königsberg, ten un trazo torto, só apelando ás utopías e aos soños se pode endereitar o tronco desa árbore que é a vida. Esta é unha das constantes que advirto na obra creadora e na interpretación do mundo que foi debullando, desde a súa infancia ata hoxe mesmo, a escritora Nélida Piñon: a obsesiva procura da fartura espiritual que lle permita entender as persoas e o mundo, contando relatos que a rediman a ela e ao xénero humano da continxencia da Historia (con maiúscula). Se no seu “incipit” literario (GM, 1961) a nosa académica comezaba coa frase “tenho apetite de almas”, nun dos seus últimos textos, pleno de reflexións persoais e intelectuais, conclúe que “orgulho-me de um ofício que fixa no papel as emoções propensas a se perderen” (LH, 69). Maxia fabuladora, espiritualidade, loita contra o esquecemento, procura da inmortalidade..., en definitiva, seiva literaria que vai dereitiña ao corazón dos lectores.

Un vello adaxio asevera que “quen honra, hónrase” e nunca mellor aplicación tivo que neste caso, no que unha escritora de alcance mundial recolle unha honra académica que, ademais, debe entenderse como un recoñecemento das súas orixes galaicas e unha homenaxe aos seus devanceiros que emigraron desde Cotobade ás terras costaneiras dun país con nome de árbore que, desde a súa descuberta por Álvares de Cabral en 1500, foi considerado un exemplo de edén ou paraíso terreal. En cidades como Salvador de Bahia e, nomeadamente, na chamada “cidade maravilhosa” do Rio de Janeiro, asentáronse milleiros de emigrantes procedentes das bisbarras meridionais de Galicia, por veces mesturados ou confundidos con xentes saídas das terras ao sur do Miño. A academia galega, que é filla directa da emigración americana, orgúllase máis unha vez de facer patente esta dimensión transcontinental que a nación dos galegos logrou construír coa súa lingua, coa súa cultura, co seu pasado mítico e coa memoria da terra deixada, que de todo iso levaron canda si os seus emigrantes.

No día de hoxe, unha filla ilustre desa emigración retorna de novo á súa Itaca natal, sen deixar de ser brasileira. Pero retornar desde o Brasil ten algo especial pois, de acordo cunha coñecida metáfora do mencionado académico Valentín

Paz-Andrade, “Galicia é a fonte, Portugal a ponte e Brasil o paraíso”. É moi recorrente a imaxe do Brasil como un edén ou paraíso, mito de que se ocupou sabiamente o historiador Sérgio Buarque de Holanda en libro publicado en 1958. Pero o paraíso á que se refería Paz-Andrade era o lingüístico e cultural, e dese lugar chega onda nós Nélica Piñon para beber de novo nas fontes primixenias da cultura galega, campesiña e fidalga, falante dunha lingua antiga, adoradora da natureza e libérrima crente nas fadas e nas ánimas que moran no trasmundo. Aquela Galicia a que chegou de nena no outono de 1947, en viaxe familiar no *Cabo de Hornos* –o mesmo barco en que retornara de Bos Aires o patriarca Otero Pedrayo–, é a terra onde escoitou contos ao pé da lareira que atullaron o seu maxín, que son o legado que os seus familiares lle pediron que transmitise á posteridade. Esta é a nova académica honoraria: a escritora que descansa os seus ollos de “muller oriental” nas augas da baía de Guanabara, que levita coa música wagneriana en Bayreuth, que sente íntima emoción na parisiense *Place des Vosges*, que disipa a “súbita tristeza” en Nova York con algún pracer dionisiaco, pero que nunca esquece o seu particular “Anapurna” de Cotobade e que goza ao se lembrar da pacífica estampa das vacas “Mallada” e “Garrida” remoendo nunha camposa de Borela, á hora do solpor...

* * *

Sostén o crítico literario Antonio Candido (de Mello e Souza) que a esencia da literatura brasileira está en “que faz parte das literaturas do Occidente de Europa”, pero “modificada pelas condições do Novo Mundo”: unha soma de “vida rude e vida requintada”. A escritora Nélica Piñon narra con preferencia a “vida requintada” de influencia europea, pero sen esquecer a forza “rude” e virxinal da tradición americana. Ambas vidas forman un río de gran caudal que ela asume como o seu sinal de identidade e, en certo modo, como un estandarte co que presentar ao mundo enteiro a orixinalidade da cultura brasileira, mestiza e plural. Os clásicos gregos inspiran moitas partes da súa obra, co rapsodo Homero como referente constantemente evocado, pero tamén os textos bíblicos, os santos pais tal que Agostiño de Hipona, clásicos da cultura árabe como *As mil e unha noites* e, desde logo, as figuras máis relevantes da cultura europea moderna, desde Cervantes, Shakespeare

ou Dostovieski ao músico Wagner. O seu interese desde a infancia polas artes escénicas e pola música complementaron esta educación sentimental que, a diferenza de moitos outros artistas e escritores, foi resultado dunha paixón individual e un alento familiar e ambiental máis que dun azar formativo de autodidacta. Toda esa tradición cultural e literaria acaba remansando na obra da Nélide, á que se engaden os clásicos iberoamericanos, brasileiros como o seu amado Machado de Assis, o respectado Guimarães Rosa, a súa grande amiga literaria Clarice Lispector ou Monteiro Lobato, a quen lía de nena, ou ben algúns grandes da literatura en lingua española, desde Carlos Fuentes, Gabriel García Márquez ou Mario Vargas Llosa, ata os algo máis vellos, Jorge L. Borges ou Alfonso Reyes. Antigos e modernos inzan a escrita de Nélide Piñon e danzan ao son que lles marca a súa pluma de trazos firmes e constantes, sexa en breves ensaios ou sexa nas súas obras maiores de creación. Nada se rebela á forza literaria dunha escritora que se sente parceira dunha dupla tradición, unha herdada e outra adquirida.

Ela naceu nun Brasil que estaba a experimentar grandes mudanzas, despois da caída da *República velha* coa revolución de 1930, que supuxo o tránsito dunha economía agraria e facendeira que producía azucre ou café, a unha economía industrializada e urbana, nos tempos autoritarios e populistas do “gaúcho matreiro” Getúlio Vargas. Foi o tempo en que se crebou o pacto implícito da vella política do “café con leite” (alternancia de paulistas e mineiros), varias veces evocada polo protagonista d’*A república dos sonhos*, que supuxo arrombar o sistema político brasileiro “ao baú da historia” (RS, 142). Foran tamén tempos de intensa reflexión sobre a identidade do Brasil, como amosan os tres clásicos libros de interpretación do proceso de formación histórica do país, debidos aos respectados intelectuais Gilberto Freyre (nordestino), Sérgio Buarque de Holanda (carioca) ou Caio Prado Jr. (paulista), que publicaron os seus textos seminais no espazo de menos dunha década. De ser un país definido por un futuro que non daba chegado —como observara Stefan Zweig, alí exiliado—, definido por viaxeiros e diplomatas como un lugar algo salvaxe, cunha estrutura social patriarcal e largamente inxusta, apertado polas tenazas da dependencia que teorizara o sociólogo e logo presidente Fernando Henrique Cardoso, hoxe o Brasil é unha potencia mundial, con douscentos millóns de habitantes —catro veces máis que nos anos trinta—, unha sociedade convulsa pero algo

máis xusta, sendo un parceiro esencial dos países emerxentes chamados BRICS. Nese país educouse e medrou a nosa escritora, de modo que a súa propia peripecia biográfica e o seu éxito literario e intelectual teñen algo de metáfora do país enteiro.

A obra escrita de Nélide Piñon é dunha gran densidade no plano da creación literaria, tarefa que ocupou e segue a ocupar o lugar central da súa vida e para a que se preparou desde a propia infancia. Ela desempeñou outras actividades, como a docencia en diversas universidades do Brasil, de México e dos Estados Unidos, alén de moitas intervencións académicas, discursos e participacións en eventos culturais e literarios celebrados por todo o mundo. Escribiu tamén algúns notables ensaios e colaboracións periódicas nos *mídia* e gastou tempo en tarefas organizativas e directivas en ámbitos académicos e de organizacións gremiais de escritores e artistas. Pero o seu compromiso coa literatura non admite límites, porque a transición entre o acto de escribir e o acto de ensinar non rompe nunca coa súa paixón central, que é a creación literaria. As súas lecturas, as súas viaxes, as súas reflexións intelectuais, o gosto pola música e polas artes escénicas teñen sempre un fío condutor, que é o de explicar o mundo mediante relatos ou contando vellas historias que permitan “salvar o verbo”, como nos acaba de advertir. Ela é un exemplo de profesionalización literaria, sen depender doutra ocupación, como lles acontece a tantos membros da república das letras, que son tamén xornalistas, funcionarios públicos ou diplomatas. Nélide Piñon tivo a fortuna desde nena de se concentrar na súa formación cultural e literaria antes de se debruzar na tarefa da escrita creadora. Educación que levou a cabo como un acto intelectual moi persoal sen influencias de escola nin se encomendar á axuda de padriños literarios, aqueles que son visitados nas súas moradas polos aspirantes a desenvolver unha carreira literaria: “jamais procurei un escritor no meu periodo de formación; sabía onde moravam, mas prefería-os distantes de min” (LH, 64). Máis que de arrogancia intelectual, penso que se trata da expresión dunha seguridade en si mesma que Nélide Piñon acredita ter desde a súa infancia, como se fai patente na súa recente *Fotobiografía* ou na capa do libro *Coração andarilho*, que mostra unha nena de ollada firme e “pose” retadora que anuncia unha persoa madura con gran determinación vital ou, dito nas súas propias palabras, coa “marca da destinaçãõ”. O avó Madruga tamén vía deste modo á súa benquerida neta Breta, cando conviviron en Borela.

Apoiada de forma calorosa pola súa familia e, nomeadamente, por un pai que “tinha sempre un libro nas mãos” e que, ademais, era lector de Machado de Assis, a biografía de Nélide Piñon é un exemplo paradigmático de escritora vocacional que é consciente das metas que aspira acadar na súa vida adulta. Nas confidencias con seu pai, Lino Piñon, a nosa autora lembra que, para calmar as ansias dun pai que soñaba con ter unha filla famosa, ela aseguráballe que “quando crescer, pai, vou ser escritora” (CA, 126), o que noutro texto autobiográfico se transforma nunha confesión máis contundente: “desde o berço sou escritora”, porque desde que abriu os ollos nunha casa carioca de *Vila Isabel*, “jurei ter fé nas palabras, com elas contar uma história” (LH, 162). Se houbera que procurar unha confirmación, aplicada á literatura, da concepción weberiana da vocación científica ou política como unha chamada (*Beruf*) nacida no interior da persoa, o caso da Nélide Piñon é dos exemplos mellor acaídos do escritor que, mediante a súa obra creadora, calma unha ferida interior que, neste caso, descoñecemos pero que sabemos que existe por confesión dela propia: “minha tristeza tem nome, mas não revelo” (LH, 86).

O proceso de creación literaria tivo en Nélide Piñon diversas fases vitais e intelectuais. Pero se algo sobrancea na súa carreira literaria é que a intensidade creadora e a repercusión pública da súa obra foron “in crescendo” desde os primeiros relatos ata os últimos textos, estes basicamente de trazo autobiográfico. Na década dos sesenta, ten lugar o seu ingreso no campo literario brasileiro con varios romances e libros de contos como *Guia-Mapa de Gabriel Arcanjo* (1961), *Madeira feita cruz* (1963), *Tempo das frutas* (1966) e *Fundador* (1969), textos que viñeron a lume en casas editoras modestas e que, malia recibiren algúns premios e teren boa acollida entre os seus pares, apenas lograron chegar a un público masivo. Foi na década dos setenta cando comezou a despegar claramente a súa carreira literaria, coa aparición d’*A casa da paixão* (1972), escrita durante unha longa estada académica nos Estados Unidos, e, moi axiña, de *Tebas do meu coração* (1974), resultado dun axuste de contas cunha crise existencial que coincide cun período de forte opresión cultural da ditadura militar brasileira, moi radicalizada a partir do ano 1968, como reflicte Tobías, fillo de Madruga, n’*A república dos sonhos*. Nos anos setenta, a nosa académica toma unha decisión fundamental: instalarse en Barcelona, da man da axente literaria Carmen Balcells, e pasar a formar parte “de aquellos años del boom”

literario encabezado por García Márquez e Vargas Llosa e outros escritores latinoamericanos, no que Nélide Piñon era a “única brasileira del grupo” e, por tanto, “la brasileira del boom” (Ayén, 2014, 733.). Así como de nena viñera a Cotobade en viaxe ás fontes da Arcadia familiar, ela confesa que, nos anos setenta, “vin tentar as Américas en Barcelona”, nun camiño inverso ao andado polos seus familiares (Villarino, 2000, Apéndice, xxx).

De retorno no Brasil, adquiriu un maior compromiso público na vida cultural e política, que loitaba por crebar as cadeas da censura e da represión exercida polo goberno dos xenerais Geisel e Figueiredo. A consagración da nosa autora non chegaría, con todo, ata os anos oitenta, coa publicación da súa obra máis ambiciosa, *A república dos sonhos* (1984), escrita con intensidade e paixón durante dous anos e na que a autora se baleirou totalmente, nunha tradición ben brasileira de antropofaxia literaria: “eu me carbonizei nesse livro. Tudo que eu sabia, pus aí”, diría ao pouco tempo nunha das numerosas entrevistas que concede para o lanzamento da obra (Villarino, 2000, 574). A partir deste momento, que coincide co devalo da ditadura e unha progresiva recuperación da democracia política despois da campaña das “Diretas Já” (Cardoso, 2013), a figura literaria e intelectual de Nélide Piñon non deixou de medrar de forma constante ata os nosos días, coa publicación de varias obras de ensaio, de creación e de memorias (*A doce canção de Caetana*, 1987; *O pão de cada dia*, 1994; *Vozes do deserto*, 2005, *La seducción de la memoria*, 2006; *Aprendiz de Homero*, 2008; *Coração andarilho*, 2011, ou *Livro das Horas*, 2012). É nesa altura cando se produce tamén a súa consolidación dentro do sistema literario brasileiro, co seu ingreso en 1990 na Academia Brasileira de Letras, na que accedeu ao cargo de presidenta durante o ano 1996, que cadrou co primeiro centenario da institución. Prestixio interior que tamén se estende ao recoñecemento internacional, coa obtención de numerosos premios e honras académicas e literarias, das que mencionarei como máis relevantes o Premio Juan Rulfo de Literatura Latinoamericana (1995), o Premio Príncipe de Asturias das Letras (2005), así como diversos doutoramentos *honoris causa* concedidos por universidades de Francia, España, México, Canadá e dos Estados Unidos de América.

Aínda que algo tarde, a súa obra tivo tamén unha notable repercusión entre nós, primeiro a través das súas periódicas visitas a Galicia e, de modo máis eficaz,

grazas aos contactos establecidos en eventos internacionais con escritores galegos. Noticias dela ofréceas Basilio Losada, que estaba a traducir *Tebas do meu corazón* para Plaza y Janés, ao seu amigo Ramón Piñeiro en cartas de 1975 e 1976, nas que fala “dunha rapaza extraordinaria, filla de galegos” que viaxa con frecuencia a Galicia e que cualifica como “unha especie de García Márquez, dinamiteira do idioma” (Losada/Piñeiro, 2009, 995). Anos máis tarde, unha versión galega do seu conto “Finisterre” saíu traducido na revista de poesía *Dorna* (núm. 16), así como unha longa entrevista realizada en Toronto por Luís G. Tosar durante a realización dun congreso do Pen Clube, publicada na revista *Grial*. Logo chegou a tradución dalgúns dos seus libros maiores á lingua galega (*A república dos sonhos*, *A casa da paixón*, ambos na editora Galaxia, 2004 e 2006) así como a edición na lingua orixinal doutra das súas obras importantes (*Vozes do deserto*, editora Candeia, 2006). Alén diso, a súa obra está a ser estudada nas universidades galegas, onde lle foi dedicada a tese de doutoramento da súa principal estudosa entre nós, a profesora Carme Villarino. A cultura galega non ignora, pois, a obra nelidiana e, con cada obra nova que ela publica ou con cada nova visita que ela rende ás terras de orixe, afortálase a súa incorporación ao sistema cultural galego e o seu valor de mediación con outros campos culturais.

* * *

Decátome da inxustiza de contar de forma tan abreviada un currículo tan denso, pero espero que a brevidade teña tamén algo de cortesía, porque comprime os posibles desacertos. Con todo, non podo deixar na penumbra algúns trazos singulares da obra de Nélida Piñon no contexto da historia literaria brasileira, ámbito que ela modificou de forma significativa como literata, ao modo que un *scholar* académico pode facelo no campo de pescuda científica que lle sexa propio. Chamarei a atención sobre a dimensión máis cosmopolita da obra literaria da nosa académica, as innovacións temáticas que acomete na súa escrita e, sobre todo, a súa capacidade para gobernar con mestría as tensións que padece un inmigrante perante o desafío da súa integración no país de destino. A solución dada por Nélida Piñon a este reto foi tamén ben orixinal, ao tratar de integrar a cultura da inmigración no proceso de construción dun novo relato do Brasil. Ela abrazou con entusiasmo a

lingua e cultura brasileiras, pero non se abasileirou ata o punto de borrar as súas orixes e cancelar calquera eco procedente das “vozes ancestrais”. Non tivo que facer como tantos inmigrantes europeos en América, que esqueceron mesmo o seu lugar de nacemento, como lle acontecera á súa dilecta amiga Clarice Lispector, aínda que, ironías do destino, fose orixinaria da outra Galicia europea, sita nos confíns dos vellos imperios austrohúngaro e ruso, nun humilde lugar que agora pertence a Ucraína.

Un trazo esencial da escrita nelidiana é a modernidade das temáticas que abeira nos seus romances, que acostuman ser diálogos coa tradición literaria occidental. A nosa académica ten un fondo sentido do tempo histórico e, por tanto, non cae na tentación adanista de considerar que todo comeza con ela mesma, malia a súa vocación de escribir textos e construír personaxes que teñen algo de inaugural ou de fundacional. No seu conto *Fundador*, o protagonista, preguntado se o seu é “nome de pía”, responde que “não, é nome que eu merecía”. Pero esta idea fundacional é resultado dunha viaxe no tempo, na que se van descubrindo as sucesivas capas dunha cebola, que é unha das metáforas preferidas para explicar o seu percurso intelectual. Gran parte da súa obra, por non dicir toda ela, está transida de tradición e de cultura herdada, pero non copia, senón que muda e transforma co seu verbo, facendo realidade o vello *dictum* de Eugeni d’Ors de que “tot lo que no és tradició, és plagi”. Só a tradición concede orixinalidade.

Alén diso, Nélide Piñon non é unha escritora rexionalista nin tampouco unha abandeirada dese “posmodernismo” que foi o tropicalismo adoptado por tantos escritores e músicos coetáneos e que acadamente retrata Caetano Veloso nun texto recente, máis que autobiográfico. Esta aposta intelectual concédelle á súa obra unha dimensión claramente internacional, o que é un dos feitos máis marcantes da literatura brasileira contemporánea que, a través dun Machado de Assis, só ben coñecido fóra do Brasil desde meados do século pasado, adquire un “sucesso internacional [que] viria de mãos dadas com o desaparecimento da particularidade histórica”, de acordo coa opinión dun grande experto machadiano (Schwarz, 2012, 22). Nesta mesma liña, xa observara Sérgio Buarque de Holanda, máis de sesenta anos antes, que “em toda a nossa história literaria, a primazia do tema na inspiração novelística tem sido un fato indiscutido” e, en boa medida, marcante dos rumos dos

movimentos literarios (Buarque, 1996, II, 209). Esta obsesión por escoller temas e ambientes rexionais ou locais era unha herdanza dos tempos románticos que gostaban do exotismo e, mesmo, dun pintoresquismo que acabou embocando na poderosa literatura rexionalista do século pasado, na que sobrancearon os escritores de orixe ou tema nordestino como Euclides da Cunha, Graciliano Ramos, José Lins do Rego ata chegar ao propio Jorge Amado. A loita contra esta corrente rexionalista comezara co movemento modernista simbolizado na Semana Moderna de São Paulo de 1922, malia a súa indecisión entre unha vía primitivista e unha solución futurista. Os ecos do modernismo fóronse trasladando á historia literaria de modo lento, primeiro no campo da poesía e, posteriormente, no rexistro romancístico no que a técnica narrativa vai predominando sobre a temática, a narración introspectiva sobre a descritiva e no que mudan os protagonistas da trama, acadando a muller un papel principal. Estas mudanzas teñen actores sinalados en nomes como os de Cabral de Melo Neto, Guimarães Rosa —que supera coa súa técnica e dominio da lingua o ambiente “sertanejo” da trama— e, sobre todo, Clarice Lispector, autora coa que mantivo grande amizade persoal e literaria a nosa académica e que, desde o seu primeiro gran libro, *Perto do coração selvagem* (1944), “trouxe algo novo á literatura brasileira” (Candido, 2004, 117); en esencia, un tratamento orixinal da linguaxe e do suxeito.

A figura literaria de Nélide Piñon é congruente con toda esta tradición e con este “requinte” cosmopolita que caracteriza a súa obra enteira. Ela mora no Brasil, proclámase amante do país e da súa cultura, pero fai escollas significativas. Fai a escolla da cultura clásica e oriental e das lendas procedentes dunha idealizada Galicia. Tamén fai a escolla de lle dar un protagonismo esencial á muller, que está presente nas tramas de moitos dos seus romances e nas reflexións dos seus textos de ensaio. Estou a pensar en varios textos recollidos no libro *La seducción de la memoria*, resultado dun ciclo de conferencias na “Cátedra Alfonso Reyes” en Monterrey (México), como son “La seducción de la memoria de la mujer” ou, de forma máis penetrante, “La sonrisa de Sara”. Se para un occidental como Monstesquieu era difícil entender “como ser persa”, tamén para unha muller consciente como Nélide Piñon é difícil comprender o desprezo que Deus ten por Sara, a esposa de Abraham, de modo

que o seu reto é construír, desde unha tradición estética masculina herdada, unha memoria feminina que sexa protagonista e tamén heroína do relato histórico.

O compromiso de Nélide Piñon co seu país de adopción e coa lingua portuguesa é unha constante que, alén da súa escrita, proclama nas súas intervencións públicas dentro e fóra do Brasil. Ela mesma acaba de afirmar no seu discurso que herdou da súa familia a “majestade da lingua portuguesa”. A aposta de Nélide Piñon é algo máis que unha consecuencia da vontade de integración dos inmigrantes galegos na súa terra de acollida, para os que era misión case imposible manter a súa propia lingua galega nun contexto lingüístico de proximidade e, alén diso, de escaso prestixio daquela. Nas camadas populares da sociedade brasileira, os estereotipos negativos sobre os “galegos” (fosen de Galicia ou de Entre-Douro e Minho) eran moi frecuentes xa desde os tempos da colonia, aos que se engadía agora unha corrente política de “antilusitanismo” e de nativismo brasileiro. Empregar a lingua portuguesa como ferramenta literaria era, pois, algo natural para un escritor radicado no Brasil, malia que se tratase dun inmigrante de primeira xeración, o que non acontecía tan claramente entre as colectividades galegas asentadas nas repúblicas de lingua española, nas que os clixés pexorativos puideron ser combatidos precisamente grazas ao mantemento da lingua e da cultura orixinaria.

A propia biografía da nova académica mostra o conflito lingüístico que experimentan os inmigrantes galegos nunha terra de lingua tan próxima como é o Brasil. Ela percibía nas reunións familiares e, desde logo, durante a súa estadía infantil en Cotobade, que os seus familiares e os amigos da aldea de Borela ou de Carballedo tiñan “un certo linguajar”, que era a lingua galega que, de acreditar en Madruga, a neta Breta falaba “com desenvoltura que me embaraçava” (RS, 156). En idade máis madura, Nélide Piñon confesa que “a min gustaríame ter como ferramenta literaria o galego do século XIII ou XIV”, o que recoñece ser unha utopía (Tosar, 1990, 92). Ela escolle o portugués, de acordo co ambiente en que se educa e coa influencia da propia familia: “meu pai —lembra ela— abdicou de falar o galego ou o castelano comigo” ao elixir o Brasil como a súa patria (CA, 178), o que non aconteceu con moitos outros factores de identidade galega, como os relatos míticos sobre o pasado, a influencia do “trasmundo” na cosmovisión galega ou a teimosía coa que se mantiñan no Brasil, coma en tantos outros lugares da inmigración galega, os cos-

tumes familiares, a relixiosidade (altamente feminizada) e, desde logo, as formas de mesa nos convivios dominicais na casa dos avós, incluído o aprecio da fartura que impuña o seu avó Daniel, segundo o principio moi galaico de que “se non sobrou é que faltou”, que me lembra o moi análogo dito da miña avoa chairega de “o que sobra é o que mantén”. A identidade ía alén da propia lingua. A preferencia polo portugués ao carón do esquecemento do galego, pero non doutros sinais de identidade, que sostivo de modo constante esta filla de inmigrantes que desde nena se “devotou” pola profesión de escritora, é unha mostra evidente da solidez de factores identitarios como a comida, a música ou as prácticas familiares que conforman expresións de “nacionalismo banal” que son ben comúns en todas as colectividades de inmigrantes no continente americano...

* * *

Esta dupla identidade nelidiana, que ela goberna con destreza, acadou a súa máxima expresión nos seus escritos literarios, ensaísticos e autobiográficos publicados na súa fase de maturidade intelectual e vital. Algúns contos de vella data, como “Finisterre” (*O calor das coisas*, 1980), anunciaban a existencia dunha illa afastada á que a protagonista retornaba, como un Ulises que voltase á súa Itaca. A illa estaba no mar da Arousa. Pero o seu máis grande empeño literario, no que anoa a dinámica da sociedade brasileira con temas e tradicións propios das colectividades de inmigrantes, é o romance *A república dos sonhos*, dado a lume en 1984, isto é, hai xustamente trinta anos. Esta obra foi obxecto de moitas investigacións literarias e dela ten falado a oito a súa autora en entrevistas e conferencias, alén das referencias dadas no propio discurso de hoxe. A idea máis común do romance é que se trata dunha homenaxe a Galicia e aos emigrantes saídos cara ao Brasil, como foi o caso da familia de Nélica Piñon. Tamén é ben recoñecido que hai moito de memoria persoal e familiar neste romance, e que se produce unha intrusión da propia autora, parcialmente representada en Breta, unha das tres voces narrativas da obra. Pero penso que non se trata de insistir moito neste compoñente autobiográfico, porque non é dun libro de historia do que estamos a falar, senón dun romance fundado na memoria pero sobre todo na libre invención da súa creadora.

Nesta mestura de memoria e de invención, que é un dos *leit motiv* de toda a obra literaria nelidiana, encontro dous temas maiores nos que paga a pena reparar unha miga. O primeiro e máis importante é a visión que esta obra transmite da epopea migratoria, desa “épica do corazón” da que hoxe nos falou; tamén dos soños que alentaron no peito de tantos emigrantes, sometidos ao mandato imperativo de ter que trunfar: “nada peor que un inmigrante fracasado”, asevera o avó Madruga (RS, 147). Trátase dunha visión orixinal, que non cadra ben nin cos estereotipos forxados sobre o inmigrante no lugar de destino nin tampouco coas lamentacións vitimistas que inzaron na terra de partida. O segundo tema é a concepción deste romance como un relato fundacional do Brasil, en claves ben distintas das que preocupaban aos “grandes intérpretes” da identidade brasileira dos anos trinta. Daquela predominaban as bases raciais, o peso da cultura e das tradicións autóctonas e o mundo rural facendeiro de “casas grandes e senzala”, como factores esenciais desa identidade. O que se procuraba era cuñar unha idea-forte: que, grazas á mestizaxe (*miscigenação*, en palabras de Gilberto Freyre) de moi diversos continxentes étnicos (colonos portugueses, indios autóctonos, escravos de orixe africana), a sociedade que fora construída no Brasil non era algo “trasplantado” de Europa, como acontecía nos casos da América do norte e das repúblicas riopratenses, designadamente Arxentina. Textos literarios ben recentes, como *Viva o povo brasileiro* (1984), de João Ubaldo Ribeiro, ou análises antropolóxicas como *O povo brasileiro* (1995), de Darcy Ribeiro, insisten en infravalorar a achega do inmigrante, pois o Brasil xa estaría plenamente conformado cando comezaron a chegar aos portos de Salvador, Rio de Janeiro ou Santos masivas vagas de inmigrantes procedentes de Europa, do Oriente Medio e, desde 1908, tamén do imperio oriental do Xapón.

Pero o romance de Nélida Piñon aposta xustamente polo contrario: por construír un relato do Brasil escrito con ollos dunha familia inmigrante, chea de datos e lendas de procedencia europea, que modela a visión dun Brasil urbano e industrial, propio dunha sociedade de masas, no que se substitúe a épica autóctona por personaxes de orixe galega e por mitos levados canda si polos inmigrantes. Esta obra veu a colmar unha ausencia nos grandes tópicos literarios da cultura brasileira, como hai poucos anos reconecía Antonio Candido cando foi preguntado para indicar os “dez libros necesarios para conhecer Brasil”, quen “verifica, sobre tudo, a ausência grave

de um tópicos: o inmigrante” (Candido, 2000). Dese tópicos desatendido é do que se ocupa *A república dos sonhos*, unha obra que non podería ser escrita de non mediar a experiencia de ter nacido a autora nunha familia galega que conservaba moitos trazos da súa cultura e que emigrara porque tiña “sede de lonxe” e aspiraba a gañar o ouro no paraíso brasileiro.

Esta obra é un diálogo constante entre a memoria persoal, familiar e tribal e a capacidade de invención da súa autora. Tamén é un diálogo entre memorias de dous continentes, porque América non é intelixible sen a tradición europea e, á inversa, tamén sucede que “Europa no puede explicar su historia sin la versión que América tiene de ella” (SM, 2006, 135). *A república dos sonhos* non é, *strictu sensu*, un romance tradicional sobre a epopea da emigración galega, dado a descrições detallistas e a lamentos propios da morriña. Este enfoque sería unha particularidade temática pouco compatible co alento interpretativo e co estilo literario de Nélide Piñon. Con todo, é a visión máis complexa e orixinal que se teña feito nunca sobre aquela “sede de lonxe” que tiveron case dous millóns de galegos que cruzaron o océano na procura dunha vida mellor. Esta orixinalidade descansa en dous piares: que os protagonistas teñen un pasado heroico e que aspiran a construír un futuro, na nova república dos seus sonhos, que sexa froito do legado e da transmisión dese pasado.

O pasado galego dos protagonistas é ben diferente da imaxe estereotipada da emigración galega, na que só hai pobreza e, mesmo, miseria. Aquí o avó Xan é un campesiño culto e sabio contador de historias e o pai de Eulalia ten unha morada propia de fidalgo e unha estirpe de antigas raíces, que recúan séculos atrás. Todos teñen casas abastadas, algunha mesmo con “dous baños”, van tomar as augas a Mondariz e viaxan en culta peregrinación ata o Cebreiro ou á citania de Santa Trega. O protagonista principal ten o nome de Madruga, sen outros requilorios, “nome de batismo ou de invención”, dubida a narradora Breta (RS, 573), pero que indica claramente que se quere evocar a figura de Pedro Madruga, o conde de Camiña. Polas dúas xineas do casal protagonista da obra hai unha nobreza de orixes que, malia ser obrigada pola épica do propio relato, está a indicar que o contributo que estes inmigrantes queren dar á república dos sonhos ten a grandeza da antigüidade, da nobreza de sangue e da defensa da liberdade, como fixo o conde de Camiña que, militando

no bando portugués de El-Rei Afonso V, combateu os exércitos da raíña Isabel I de Castela. O referente negativo de Castela é constante no nacionalismo galego do tempo das Irmandades da Fala, pero resulta difícil encontrar en calquera texto literario galego unha heroización tan explícita da emigración, porque os heroes literarios galegos, mesmo que tivesen xa os seus pazos escanastrados como tantas veces contou Otero Pedrayo, nunca tiveron mentes de emigraren nin de entenderen o soño de “facer as Américas”. Mágoa que tal non fixeran...

O futuro dese pasado heroico é, realmente, a cerna d’*A república dos sonhos*, porque é no Brasil onde se van testar aquelas utopías de emigrantes que aspiran a se consolidar na terra de destino. Neste sentido é no que se pode considerar esta obra como un romance fundacional, que quere dotar dun mito orixinal e dunha identidade “europea” e culta á sociedade brasileira. Que ese mito sexa de orixes galegas é unha homenaxe á grandeza heroica da nosa emigración, pero no fondo trátase máis dun recurso retórico que de aplicar a vella idea da *translatio imperii*, na que a historia da humanidade corre desde oriente cara a occidente. América sería, nese caso, a marca de fronteira dos mitos imperiais europeos, unha vez ultrapasado o *mare tenebrosum*. Os mitos e lendas galegas non teñen voz para ser contados, pero son imprescindibles para dar un ton épico a unha narrativa “de feição histórica que Nélica Piñón non encontra no repertorio do sistema literario brasileiro” (Villarino, 2000, 424). O novo país, Brasil, ten riquezas a eito, pero non ten pasado do que botar man e, por tanto, carece de futuro ou de destino. A memoria de Galicia, pola contra, ficou ancorada no tempo e só pode ser útil na súa prolongación transatlántica. Isto explica as referencias culturais e identitarias a unha Galicia idealizada como “celta”, de prácticas “druídicas”, de esplendor nos tempos medievais de Diego Xelmírez e do Mestre Mateo, pero que perdeu o tren da historia no século XV e alí ficou sen relato propio. Agora, a narradora d’*A república dos sonhos* recupera aquela memoria que lle serve para entender o Brasil e “interpretar meu país”. E esta incorporación da tradición galega á semántica nacional brasileira realízase mediante un recurso literario de enorme forza, que é a morte. O romance comeza coa frase, “Eulália começou a morrer na terça-feira” e logo veñen setecentas e tal de páxinas que rematan coa noticia que asegura que Breta vai narrar a historia familiar: “amanhã começarei a escrever a história de Madruga”.

A encomenda do avó Madruga á neta Breta foi esta: que contase a historia da familia e, a través dela, dun vello país de fisterra, relixioso e algo heterodoxo, de raza celta e dado ao trato informal con santos e con meigas, amante da comida e do convivio comunal, temeroso da morte e crente no alén e nunha inmortalidade pouco cívica e ben máis panteísta. E que trasladase ese relato ao país de destino, para dotar de significado a estirpe familiar e, máis concretamente, a biografía de Madruga, toda ela empeñada en gañar o ouro que en Galicia non había, por máis que xa lle avisara o avó Xan que “quem acumula o ouro perde o dereito ás historias” (RS, 582). Aquela obriga substanciouse nos ritos de tránsito que son as sucesivas mortes dos devanceiros, como unha forma de garantir a transmisión eficaz dos saberes e das memorias das estirpes familiares e de amalgamar riqueza con pasado. Na hora da morte de Eulalia, cando está a repartir aos seus fillos as caixas nas que garda os segredos da tribo, advírtelles claramente que “Madruga deixa-lhes a fortuna (...). Eu, porém, só posso lhes dar o passado e a memória de cada um” (RS, 597). O trato de Madruga coa súa neta ten algo de metáfora lampedusiana, ao querer casar o ouro do Brasil, que el representa como un novo rico ao estilo do siciliano Don Calogero, co pasado da estirpe galega de Eulalia, que vagamente se asemella ao príncipe Salina, *Il Gattopardo*.

Alén de n’*A República dos sonhos*, tamén no libro autobiográfico da nova académica, *Coração andarilho*, a morte está decote presente na súa prosa. Pero non é unicamente a descrición dun desgarramento anímico, senón un recurso literario que posúe un superior valor probatorio de pasaporte para a inmortalidade que concede a memoria e o recordo. Tal vez por iso, como lle acontecía a Adrián Solovio no leito de morte do seu tío Bernaldo cando lle estaba a ensinar Galicia a través do mapa de Fontán, tamén a autora Nélide Piñon acompañou na paixón final á súa nai para recoller esa liña sucesoria: “na véspera de morrer, [a nai, Carme Cuiñas Piñon] deixoume como legado a confesión de eu lle haver dado, como filha e como escritora, máis do que sonhara” (CA, 139); isto é, un significado á súa vida de emigrante. Se é verdade que “estamos feitos da mesma materia que os sonhos”, daquela a identidade da epopea migratoria galega no continente americano volveuse materia grazas á escrita desta muller de nación carioca, curiosidade universal e de orixes, nunca negadas, nas aldeas de Borela e de Carballedo, nas terras de Cotobade.

* * *

Señor presidente, señoras e señores:

O ingreso de Nélida Piñon nesta institución ten un valor simbólico que vai alén de todo canto levo dito da súa figura e da súa obra literaria e ensaística. Recibimos unha muller que é a nosa primeira académica honoraria en tanto que muller escritora e brasileira. Ela chega para lle facer compañía a ilustres “galicianistas” espallados polo mundo (desde Italia ao Reino Unido ou Uruguai) que ingresaron en tempos recentes nestes escanos de honra. E antes deles ocuparan eses lugares nomes senlleiros da cultura, da literatura e mesmo da política española, con frecuencia de orixe galega, así como dous profesores portugueses que non eran propiamente creadores literarios.

O ingreso cabo de nós de Nélida Piñon posúe, no entanto, un valor singular. É unha aposta por axustar algunhas contas con vellas débedas. Coa obriga de dar un recoñecemento expreso e oficial a unha escritora brasileira como un valor patrimonial para a cultura galega no século XXI, o que debe contribuír a sobardar valados, xeralmente inmateriais, que acoutaron a nosa capacidade de nos expandir e nos relacionar co mundo de lingua portuguesa. E tamén é unha excelente ocasión para dicir, ben alto e claro, que a obra de creación literaria de Nélida Piñon é un froito requintado dos soños de millóns de emigrantes que saíron da súa terra na procura dun particular “Eldorado” ou paraíso. Uns tiveron fortuna e outros menos, pero ningún deles deixou de soñar que a súa experiencia merecería ser contada. Entre tantos herdeiros daqueles emigrantes galegos, como acontece con moitas outras colectividades étnicas que foron parar ao continente americano, houbo escritores e artistas, líderes políticos e empresarios abastados, científicos acreditados e profesionais liberais de éxito. Pero ningún daqueles descendentes foi quen de traducir en palabras, como fixo Nélida Piñon, a épica dos corazóns encollidos no momento de embarcaren, exultantes coa visión das terras americanas e morriñentos cando as lembranzas da comunidade abandonada cubrían como néboas as súas reunións domésticas ou societarias. Nélida Piñon recibira un mandato familiar que se tornou en expresión dun anxeio colectivo: redimir do anonimato unha emigración como a galega, que foi masiva e solidaria, modesta e digna, que só coa fractura producida

polo tránsito do océano Atlántico tivo conciencia de quen era e do valor da cultura e da memoria que levaba consigo. Esa emigración mudou de forma cualitativa a súa terra de partida e, grazas ao empeño de Madruga e da súa neta Breta, tamén sabemos que polo tronco das árbores das repúblicas americanas corre unha seiva nutricia de raíces galaicas...

No nome dos meus colegas da Real Academia Galega e, desde logo, no meu propio nome, compráceme darlle a benvida a esta casa. Debe saber, benquerida Nélide, que para nós é motivo de alegría e mesmo de fachenda acollela nesta institución, tamén centenaria e tamén intimamente vinculada cos soños dos emigrantes. O escano honorario cabo de nós estará sempre á espera da súa chegada á terra dos antergos. Sabemos que, a partir de hoxe, dispoñemos dunha voz e dunha embaixadora da lingua e da cultura galegas no concerto da república mundial das letras. E, pola nosa parte, nunca deixaremos de orgullarnos do seu traballo de ourive literario, que trenzou dúas culturas e dúas identidades sobre o manto dunha lingua única, dúas patrias e unha memoria viaxeira. Sabemos que a nova académica seguirá a morar na Lagoa carioca, onde fielmente lle esperan “Gravetinho” e “Susy”. Pero sempre ficará a terra da infancia, a máis verdadeira das patrias, esa terra que se volveu “mito, utopía, quimera” para a súa narrativa. Ela mesma ten dito que lle preocupa ser o final dunha estirpe, “a última a sobrevivir aos meus afectos” (CA, 245). Eses afectos nunca lle faltarán entre nós. Entre a fonte e o paraíso, ela será a enxeñeira que ha trazar unha nova ponte cara ao porvir. Un porvir que, malia a celeridade do noso tempo, nunca existirá se antes non é soñado, como soñaron tantos milleiros de emigrantes...

Moitas grazas pola súa atención.

Bibliografía de
Nélida Piñon



Obras de Nélida Piñon

- Guía-mapa de Gabriel Arcanjo*, [GM], Edições GRD, Rio de Janeiro, 1961.
- Madeira feita cruz*, Edições GRD, Rio de Janeiro, 1963.
- Tempo das frutas*, José Álvaro Editor, Rio de Janeiro, 1966.
- Fundador*, José Álvaro Editor, Rio de Janeiro, 1969.
- A casa da paixão*, Sabiá Editora, Rio de Janeiro, 1972 [versión en galego, Editorial Galaxia, Vigo, 2005].
- Sala de armas*, José Olympio Editora, Rio de Janeiro, 1973.
- Tebas do meu coração*, José Olympio Editora, Rio de Janeiro, 1974.
- A força do destino*, Editora Record, Rio de Janeiro, 1977.
- O calor das coisas*, Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1980.
- A república dos sonhos*, [RS] Editora Record, Rio de Janeiro, 1984 [versión en galego, Editorial Galaxia, Vigo, 2004].
- A doce canção de Caetana*, Editora Guanabara, Rio de Janeiro, 1987.
- Le Jardin des Oliviers*, Findakly, París, 1988.
- Il nuovo regno*, Giunti Barbèra, Firenze, 1989.
- O pão de cada dia*, Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1994.
- A roda do vento*, Ática, São Paulo, 1996.
- Até amanhã, outra vez*, Editora Record, Rio de Janeiro, 1999.
- O cortejo do divino e outros contos escolhidos*, Porto Alegre, 1999.
- El calor de las cosas y otros cuentos*, Fondo de Cultura Económica, México DF, 2000 [prólogo de Eduardo Portella e postfacio de Naomi H. Moniz].
- O presumível coração da América*, ABL/Topbooks, Rio de Janeiro, 2002.
- Vozes do Deserto*, Editora Record, Rio de Janeiro, 2004 [versión en galego, Candeia editora, Santiago de Compostela, 2006].
- O ritual da Arte*, [ensaio sobre a criação literaria], inédito.

La seducción de la memoria, [SM] Fondo de Cultura Económica/Cuadernos de la Cátedra Alfonso Reyes del Tecnológico de Monterrey, México DF, 2006.

Aprendiz de Homero, Editora Record, Rio de Janeiro, 2008.

Coração andarilho, [CA], Editora Record, Rio de Janeiro, 2011.

Livro das Horas, [LH], Editora Record, Rio de Janeiro, 2012.

La República de los Sueños, Edição Comemorativa-30 anos. Alfaguara, Madrid, 2013.

A camisa do marido, Editora Record, Rio de Janeiro, 2014.

Outras referencias

- Ayén, Xavi, *Aquellos años del boom. García Márquez, Vargas Llosa y el grupo de amigos que lo cambiaron todo*, RBA, Barcelona, 2014.
- Buarque de Holanda, Sérgio, *Raízes do Brasil*, Companhia das Letras, São Paulo, 1995, con prefacio de A. Candido [Edición orixinal, 1936].
- Buarque de Holanda, Sérgio, *Visão do Paraíso. Os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil*, Jose Olympio Editora, Rio de Janeiro, 1958.
- Buarque de Holanda, Sérgio, *O espírito e a Letra. Ensaio de crítica literaria, I. 1920-1947, II, 1948-1959*, Companhia das Letras, São Paulo, 1996, edição de Antonio Arnoni Prado.
- Candido, Antonio, “10 livros para conhecer o Brasil”, in revista *Teoría e Debate*, 41 [consulta in <http://blogdaboitempo.com.br/category/colaboracoes-especiais/antonio-candido/>].
- Candido, Antonio, *Iniciação à literatura brasileira*, Ouro sobre Azul, Rio de Janeiro, 2004.
- Cardoso, Fernando Henrique, *A soma e o resto. Um olhar sobre a vida aos 80 anos*, Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 2012.
- Cardoso, Fernando Henrique, *O improvável presidente do Brasil. Recordações*, Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 2013.
- Devoto, Fernando e Boris Fausto, *Argentina Brasil, 1850-2000. Un ensayo de historia comparada*, Editorial Sudamericana, Buenos Aires, 2004.
- González Tosar, Luis, “Nélica Piñon ou a paixón de contar”, *Grial*, 105 (1990).
- Lagardère, Bethy, *Tenho appetite de almas. Uma fotobiografia de Nélica Piñon*, Editora Arte e Ensaio, Rio de Janeiro, 2013.
- Losada, Basilio e Ramón Piñeiro, *Do sentimento á conciencia de Galicia. Correspondencia (1961-1984)*, Edición de M. Xesús Lama e Helena González, Editorial Galaxia, Vigo, 2009.

- Paz-Andrade, Valentín, *A galecidade na obra de Guimarães Rosa*, Edicións do Castro, Sada, 1978 [con Introducción de Paulo Ronai e Epílogo de Álvaro Cunqueiro].
- Ribeiro, Darcy, *O povo brasileiro. A formação e o sentido do Brasil*, Editora Schwarcz Ltda., São Paulo, 1995.
- Schwarz, Roberto, *Martinha versus Lucrecia. Ensaio e entrevistas*, Companhia das Letras, São Paulo, 2012.
- VV.AA., *Discursos da investidura de D^a Nélida Piñon como Doutora "honoris causa"*, Universidade de Santiago de Compostela, 1998.
- Veloso, Caetano, *Verdade tropical*, Companhia das Letras, São Paulo, 1997.
- Villares, Ramón, "Interpretar Brasil", prefacio a Gilberto Freyre, *Casa grande & senzala*, Marcial Pons Ediciones de Historia / Fundación Cultural Hispano Brasileira, Madrid, 2010.
- Villarino Pardo, Carmen, *Aproximação à obra de Nélida Piñon. A república dos sonhos*, Tese de doutoramento, USC, 2000 [Edición dixital].
- Villarino Pardo, Carmen, "Nélida Piñón en el sistema literario brasileño: la conquista de prestigio y procesos de profesionalización" in VV.AA., *El oficio de escribir: entre Machado de Assis y Nélida Piñon*, Ediciones de la Universidad de Salamanca, 2009.

Síntese biográfica de
Nélida Piñon





Nada no Rio de Janeiro dun matrimonio de emigrantes galegos, Nélida Piñon elixiu desde nena o oficio de escritora. Formouse no curso de Xornalismo da Facultade de Filosofía da Pontificia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Con vasta bibliografía, publicou máis de vinte e cinco libros e as súas obras foron traducidas en máis de trinta países: novelas, contos, ensaios, discursos, crónicas e memorias. Estreouse na literatura en 1961 coa novela *Guia-mapa de Gabriel Arcanjo*, e destacouse, entre outros títulos, cos libros de contos *Tempo das frutas*, *Sala de armas*, *O Calor das coisas*, as novelas *A Casa da Paixão*, *Tebas do meu coração*, *A República dos Sonhos*, *A doce canção de Caetana*, *Vozes do deserto*, as crónicas de *Até amanhã*; os ensaios *Aprendiz de Homero* e memorias *Coração Andarilho* e *Livro das Horas*.

Ao longo de súa carreira, colaborou en publicacións brasileiras e estranxeiras e pronunciou conferencias en diversos países. Foi catedrática da Universidade de Miami desde 1990, onde sucedeu o Premio Nobel Isaac B. Singer. Foi profesora visitante das universidades de Harvard, Columbia, John Hopkins e Georgetown.

Na súa biografía constan diversas condecoracións e premios nacionais e internacionais como os brasileiros Golfinho de Ouro, Mário de Andrade e Jabuti. Na esfera internacional, foi a primeira muller e a primeira autora de lingua portuguesa en recibir o prestixioso premio de Literatura Juan Rulfo, de México, o premio Menéndez Pelayo, de España ou o premio Iberoamericano de Narrativa Jorge Isaacs, de Colombia. Nomeada Puterbaugh Fellow en 2004, distinción ofrecida pola Universidade de Oklahoma e a revista *The World Literature Today*, converteuse no primeiro escritor brasileiro en recibir este galardón. Condecorada coa medalla Castelao de Galicia, o título de Filla Adoptiva de Cotobade, a Comenda do Barão do Rio Branco no Grao de Oficial, do Brasil, nomeada Chevalier des Arts et des Lettres de Francia, recibiu tamén o Lazo de Dama de Isabel La Católica de España, a medalla Dom Afonso Henriques de Portugal e a Medalla Águila de México. En

2005, recibiu o importante Príncipe de Asturias polo conxunto da súa obra, sendo o primeiro escritor de lingua portuguesa en recibir ese premio.

É *Doutora Honoris Causa* das universidades de Poitiers (Francia), Santiago de Compostela (primeira muller en 503 anos en recibir ese título), Rutgers e Florida Atlantic (USA), Universidade de Montreal (Canadá), UNAM (México), e PUC-RS (Brasil). En 1989 foi elixida para a Academia Brasileira de Letras, e en 1997, con gallo do I centenario desta, converteuse na primeira muller en presidir unha Academia de Letras no mundo. En 2012, no marco da XXII Cumbre Iberoamericana de Xefas e Xefes de Estado, en Cádiz, foi nomeada *Embaixadora Iberoamericana da Cultura*. Foi titular da Cátedras Alfonso Reyes e Julio Cortázar (da cal é membro do Comité de Honra), e en 2013, na condición de primeiro autor de lingua portuguesa e primeira muller, recibiu a Cátedra Enrique Iglesias outorgada polo Banco Interamericano de Desenvolvemento-BID.

A súa obra ten sido obxecto de investigacións producidas no seo de academias nacionais e internacionais. En setembro de 2012 inaugurou na cidade de Madrid o novo programa da Residencia de Estudiantes intitulado *Narrador en Residencia*, que segue a tradición dalgunhas universidades inglesas e norteamericanas, e, por medio dunha extensa programación que inclúe cursos, lecturas e palestras, ten como obxectivos difundir a súa obra, compartir o seu coñecemento e favorecer a aprendizaxe dos estudantes novos. Diversas bibliotecas, en Brasil e no exterior, levan o seu nome; con realce a *Nélida Piñón Library*, en Miami, e a *Biblioteca Nélida Piñón*, do Instituto Cervantes, na Bahía.

Foi xurado de diversos premios nacionais e internacionais como o Neustadt-World Literature Today (USA), Premio Latinoamericano de Literatura (Nicaragua), Premio Menéndez Pelayo (España), Premio Norma (Colombia), Premio Bial de Novela Mario Vargas Llosa (Perú), Premio José Saramago (Portugal), desde a primeira edición.

Pertence a diversas Institucións en Brasil e no exterior como a Academia Brasileira de Letras, o PEN Club do Brasil, a Academia de Filosofía do Brasil, o PEN Club Internacional, Phi Beta Delta da Beta Theta Chapter, Honor Society for International Scholar da University of Miami (USA). É Socia Correspondente

da Academia das Ciencias de Lisboa, da Real Academia Española e da Academia Mexicana de la Lengua.

Participou e integra varios Consellos como o Consello Federal da Cultura, Consello Estadual da Cultura, Consello Nacional dos Dereitos da Mulher, Consello da Fundación França-Brasil, Consejo Consultivo da Revista *Nexos* (México), Consello da revista *Tempo Brasileiro*. Tamén é membro da Comisión de Honra dos festexos do V Centenario dos Descubrimentos, nomeada polo Presidente da República do Brasil Fernando Henrique Cardoso. É Membro do Consello da Fundación Roberto Marinho, do Consejo da Fundación Santillana, e integrante do Consello do Foro Iberoamericano desde a súa fundación en 2000, constituído por 30 intelectuais, empresarios e políticos de todas as Américas e da Península Ibérica.

En 2012 publicou *Livro das horas*, unha colectánea de ensaios, memorias e reflexións. En 2013, esta obra foi publicada en Portugal, España e México. *Tenho appetite de almas – Uma fotobiografía de Nélica Piñon*, publicado en marzo de 2014, da autoría de Bethy Lagardère, é un libro foto-documento cun conxunto relevante de material da recoñecida escritora que contén fotografías, cartas, manuscritos, esbozos, revistas, reproducións de xornais, premios, medallas. Biografía que rexistra historicamente a formación e traxectoria dunha autora de dimensión nacional e internacional, que é un expoñente da literatura. En 2014, a súa novela *A República dos Sonhos*, traducida ao galego, fixo trinta anos, e esta efeméride será celebrada con edicións conmemorativas en Brasil, Portugal e España. Tamén no ano corrente de 2014 será publicado o seu novo libro de contos *A camisa do marido*. En novembro de 2014 integrará como convidada especial o Comité de Honor do Premio FIL 2015 e participará na Feria Internacional del Libro de Guadalajara, México.

O día 27 de setembro de 2014 ingresa como Académica de Honra da Real Academia Galega. En outubro farase público o Premio de Relato Breve Nélica Piñón, unha iniciativa do Concello de Cotobade, coa colaboración da Consellería de Cultura, Educación e Ordenación Universitaria da Xunta de Galicia.

Índice

DISCURSO DA EXCELENTÍSIMA SEÑORA DONA NÉLIDA PIÑON	9
RESPOSTA DO EXCELENTÍSIMO SEÑOR DON RAMÓN VILLARES PAZ	23
BIBLIOGRAFÍA DE NÉLIDA PIÑON	45
SÍNTESE BIOGRÁFICA DE NÉLIDA PIÑON	51

Real Academia Galega

Rúa Tabernas, 11

15001 A Coruña

Tlf. 981 207 308

Fax 981 216 467

secretaria@realacademiagalega.org

www.academia.gal



REAL ACADEMIA GALEGA

